

O TÍTULO, A ISCA E A NOTÍCIA

THE TITLE, THE CLICKBAIT AND THE NEWS

Michelle de Carvalho SANTOS

michelle.santos@cps.sp.gov.br

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil

Resumo: As notícias jornalísticas já não têm como seus espaços principais os jornais impressos e as telas televisivas: as imprensas brasileira e do mundo reconfiguraram-se nas últimas décadas para habitar o ambiente digital. Nas telas dos computadores e dos celulares, a circulação das informações segue uma nova lógica de rapidez e de busca de resultados quantitativos, assim como nas produções de mercadorias. O objetivo deste trabalho é demonstrar quais recursos discursivos a imprensa digital emprega na disputa por cliques de seus leitores-clientes, assim como demonstrar a urgência de um ensino voltado à prática da análise discursiva. Como objeto de análise, serão abordados títulos de notícias que divulgam, nas imprensas nacionais e europeias, a descoberta de um fóssil de um ancestral dos macacos e dos humanos. Sob a perspectiva da Análise do Discurso, será realizada uma leitura comparativa entre um artigo científico que relata a descoberta de um fóssil na Turquia e os títulos das notícias digitais que falavam sobre essa descoberta. O aporte teórico de Michel Foucault (2008) e Patrick Charaudeau (2006, 2011) servirá de base para discutir as relações entre o discurso jornalístico e os processos sociais de significação vinculados às escolhas dos títulos das notícias.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Discurso Jornalístico; Clickbait; Títulos de Notícias.

Abstract: *The news is no longer restricted to newspapers and television screens: both national and global media had gone under an adaptative process to dwell in the digital environment. On cellphones' and computers' screens, the circulation of information follows a new logic of quickness and quantitative results, just like the production of commodities. This article's main objective is to show which discursive tools the digital media uses in the contest for clicks from their readers-costumers and also make evident the urgency of an education aimed towards the practices of discursive analysis. As our analysis subject we used headlines from news, from both national and European media, that publicize the discovery of a fossil from an ancestor of humans and apes. Under the scope of Speech Analysis, we compared a scientific article that documents the discovery of a fossil in Turkey and the headlines from digital news that covered such discovery. Our theoretical bases to discuss the relationship between the journalistic speech and the social processes of signification related to the headline crafting process are Michel Foucault (2008) and Patrick Charudeau (2006, 2011).*

Keywords: *Speech Analysis; Journalistic Speech; Clickbait; News Headlines.*

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tem-se visto diversas atividades exercidas no trabalho ou na vida pessoal passarem a ser desenvolvidas por meio da internet com seus sites, plataformas, aplicativos e mídias. Com jornais impressos e/ou televisivos o processo não deixou de ser de migração para o virtual, o que gerou algumas modificações na organização do discurso jornalístico.

Pavlik, em 2001, já anunciava as transformações do papel do jornalista no novo suporte. Para o autor, o jornalista passaria a ser um contador de fatos, um intérprete dos acontecimentos de modo mais expandido, além de assumir um papel central na ligação entre as comunidades.

Em sua nova estrutura, parte da imprensa digital não busca apenas assinantes, mas também número de acessos em suas plataformas, bastando para isso o clique de usuários que representam consumidores para os anúncios das páginas dos veículos virtuais, ou seja, mais acessos, mais faturamento. A informação colocada à venda sujeita-se à precificação, a estratégias de marketing e à lei de oferta e demanda.

Para atender a uma demanda mercadológica, a redação jornalística emprega recursos linguísticos que transcendem aos aspectos sintáticos ou semânticos e chegam aos que são da ordem do discurso. A seguir, por meio da apresentação de uma seleção de títulos de notícias publicadas em jornais digitais, será exposta a maneira como o discurso jornalístico apoia-se nas formações discursivas e no interdiscurso para melhor alcançar seus necessários cliques.

No fim de agosto de 2023, as imprensas nacional e internacional exibiram notícias que divulgavam a descoberta de um fóssil na Turquia, as quais sucediam à publicação científica dos responsáveis pela pesquisa. O que chama a atenção nessas notícias são os questionamentos sobre o local de origem da espécie humana ao abordar o artigo científico, publicado na plataforma *Nature*¹.

O artigo informa que o fóssil se trata de um novo gênero pertencente à família (referência à classificação taxonômica) dos grandes primatas: gorilas, chimpanzés, bonobos e orangotangos, e dos humanos, sendo assim, não trazia nenhuma indicação de que fora encontrada uma espécie classificada como humana. O fato de ser encontrado um fóssil de um grande primata na Turquia não surpreendeu a comunidade científica, a novidade foi sua identificação como um gênero até então desconhecido.

Pode-se afirmar que a espetacularização midiática em torno da divulgação da descoberta vincula-se a uma organização do poder na sociedade moderna, tendo em vista o que indicam os sentidos construídos nos títulos das notícias que serão apresentados a seguir. Analisar como se tornam compreensíveis esses sentidos e quais são os contextos que os tornam possíveis (dizíveis) é o que aborda este trabalho.

1 *A new ape from Türkiye and the radiation of late Miocene hominines*. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s42003-023-05210-5>. Acesso em: 01 nov. 2023.

Na configuração do jornalismo digital, muitas vezes, a forma de atrair grande público para a leitura de uma notícia, ou ao menos a visita ao site onde ela se encontra, tem sido por meio do *clickbait* (isca de cliques), um mecanismo de produção de títulos que despertem o interesse dos leitores, fazendo-se valer de referências a assuntos polêmicos, atuais ou a questões que já são reconhecidas como de grande curiosidade para diferentes comunidades, referências que, de fato, não estarão presentes no próprio corpo do texto da notícia.

A origem do ser humano, além de explicada no campo da ciência, encontra, de diversas formas, a explicação no campo das religiões. É possível dizer que se trata de uma questão de grande interesse da humanidade e com diferentes respostas, o que pode configurá-la como polêmica.

Nos títulos analisados, há o questionamento sobre a origem humana no continente africano, fazendo desses títulos iscas de cliques ou desinformações, pois o levantamento dessa dúvida não se confirma no artigo científico a que se referem esses títulos. Na sequência, será analisado por que, apesar de problemáticos, os títulos tornam-se compreensíveis e aceitos de modo geral.

Este trabalho busca demonstrar de que forma os títulos das notícias selecionadas se utilizam da isca de cliques pelo viés da polêmica, ao passo que também se adequam ideologicamente aos valores colonialistas, uma adequação que se constrói pela aproximação com o público leitor por meio do aproveitamento de suas formações discursivas e de seus imaginários sociais.

A PERCEPÇÃO DE VERDADE NOS TÍTULOS DAS NOTÍCIAS

Os estudos epistemológicos de Michel Foucault contribuem para a Análise do Discurso, uma vez que em sua obra *Arqueologia do Saber*, Foucault (2008) estabelece as regras a que obedece o discurso, entendendo-o como histórico e determinado pelas relações de poder estabelecidas na sociedade. Outro aspecto do discurso, colocado pelo autor, é sua existência enquanto dispersão, não como práticas isoladas. Para Foucault (2008, p. 43), o discurso diz respeito a “um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa.

Gregolim (2006) entende o enunciado, em qualquer domínio do conhecimento, como alternância entre singularidade e repetição, pois ao mesmo tempo em que é único, está aberto à repetição, associando passado e futuro. Em consonância, os dois autores orientam que a Análise do Discurso não trata apenas de uma análise lógico-gramatical ou semântica, mas sim, histórica. Na leitura dos títulos e das linhas-finas do *corpus* deste trabalho, será exposto o discurso colocado sobre uma trama histórica da organização social.

É necessário também refletir sobre qual percepção de realidade o enunciador parte, pois como afirma Foucault (2008), o próprio discurso não é uma cópia exata da realidade, mas uma

representação dela, moldada pelo poder e pela cultura. Além disso, existe um combate pela verdade ou, ao menos, em torno da verdade entendendo-se por verdade, de acordo com Foucault (1979, p. 13), “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro, efeitos específicos de poder”. Dessa forma, apreende-se uma relação entre discurso, poder e verdade que influenciam as percepções que os indivíduos têm da realidade.

Tendo em vista a exploração colonial que se deu no continente africano, de forma que seu povo foi subjugado por séculos por colonizadores europeus, reconhecer a origem humana nesse espaço toca em um ponto delicado da sociedade que se baseou em diferenças étnicas para justificar espoliações e o acúmulo de riquezas. As escolhas dos títulos das notícias analisadas indicam para sentidos construídos de modo alinhado aos efeitos específicos de poder, criando a verdade (entendida sob o conceito foucaultiano) que pode ser melhor acolhida pelo público, nesse contexto, historicamente eurocentrista.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (Foucault, 1979, p. 12).

Em resumo, Foucault (1979) coloca que na construção dos enunciados que compõem o discurso, os limites de verdade são flexíveis e determinados por relações de poder, nas quais há uma disputa de interpretações para a realidade.

Retomando Gregolim (2006), nos enunciados há a associação entre passado e futuro, ao mesmo tempo em que são únicos, se repetem, de modo que alguns são incorporados em forma de uma memória coletiva e por isso passam a ser invocados como uma interpretação da realidade.

OS SABERES DE CRENÇA E O CLICKBAIT

Charaudeau (2006, p. 20) explica o discurso como a “organização da significação sob formas diversas (linguística, icônica, audiovisual, gestual) e resultante de um jogo sutil entre o que é dito (o explícito) e o que não é dito (o implícito)”. Para a compreensão do que não é dito, invoca-se os conhecimentos prévios em busca de obter coerência, tende-se a preencher lacunas para formar interpretações. É também por isso que os sentidos de um discurso dependem das tendências do pensamento de uma época e dos saberes compartilhados pelos sujeitos.

Essas tendências de pensamento e saberes compartilhados em uma dada época são formados pelo interdiscurso, o que, de acordo com Orlandi (1992), significa algo que é externo ao enunciador, fruto de formulações distintas e dispersas, formando assim um conjunto do dizível.

Não se pode afirmar que o interdiscurso é facilmente identificável, visto que se constituem de enunciados anteriores ao próprio indivíduo e são incorporados por ele até mesmo de maneira inconsciente, por meio de repetições ou tradições.

E é no campo do interdiscurso que se estabelecem o que Charaudeau (2011) chama de saberes de crença, em contraposição aos saberes de conhecimento. “Os saberes de crença visam a sustentar um julgamento sobre o mundo. Referem-se, portanto, aos valores que lhe atribuímos e não ao conhecimento sobre o mundo, que é um modo de explicação centrado na realidade [...]” (Charaudeau, 2011, p. 198). Assim, esses saberes de crença fundam imaginários compartilhados que se relacionam diretamente com a interpretação da realidade.

Charaudeau (2011) também explica que os imaginários sociais são provenientes das interações entre seres humanos com o mundo e do próprio ser humano com outros em busca de consenso para suas interpretações e que nessas interações estão implicados pulsões, práticas, atos e representações.

Clickbait é um termo que surgiu para nomear o fenômeno que consiste em uma armadilha para os usuários da internet, por isso leva o nome de isca de cliques. Trata-se de uma chamada apelativa/sensacionalista que faz o indivíduo acessar um determinado conteúdo por meio de interpretações que são facilmente realizadas, ou seja, o *clickbait* busca consensos, julgamentos sobre o mundo, usa os “imaginários sociais” para alcançar maior público-alvo ou mesmo selecionar um público.

O “*clickbait* está inserido na chamada economia da atenção, a qual se refere à competição estabelecida entre geradores de conteúdo para obtenção de interesse público”. (Kaplan apud Roca, 2008, p. 136). Tem-se assim um recurso inserido em uma dinâmica em que a informação é o produto a ser vendido de alguma forma e para essa venda é criado o título que atrai para o clique. Como explica Molek-Kozakowska (2013, p. 173-174), “a informação não é um recurso passivo à espera de ser pesquisado e acessado. Está sempre em competição pela atenção das pessoas com outras informações”.

A estratégia linguística que muitas vezes é empregada para elaborar essas iscas de cliques parte da exploração dos imaginários sociais, conforme a definição de Charaudeau (2011). Com a apropriação desses imaginários, têm-se ferramentas para criar aberturas com o público, já que se torna possível trabalhar com alguns julgamentos implícitos ou explícitos, como, por exemplo, atitudes ou comportamentos que determinada sociedade julga louváveis ou abomináveis.

Além disso, Charaudeau (2011) afirma que o trabalho com os imaginários sociais tende a colaborar para criar ideias mais simples, reduzidas à essência ou ao fragmento e, dessa forma, afastadas de enunciados complexos que escapem à memória discursiva. É o que vemos exposto nos exemplos de títulos das notícias, configuradas como isca de cliques, pois os conceitos da biologia que

demandam maior compreensão foram descartados e substituídos por palavras que remetiam a imaginários sociais ligados apenas à origem da vida humana. Com a escolha das expressões “desafia crenças”, “contesta esta teoria” ou “perturbar a história”, descredibilizou-se a teoria da evolução como um todo e abre-se espaço para evocar conceitos mais generalistas e essencializados.

Para o *clickbait*, a elaboração da verdade mais acolhida e a interpretação da realidade essencializada e fundada em saberes de crença têm-se mostrado como um recurso na disputa mercadológica da produção jornalística atual. Como explica Charaudeau (2011, p. 284), no acesso à informação, como em comercialização de mercadorias, tem-se uma lógica de mercado que sobrepõe o resultado quantitativo à credibilidade das notícias:

Todo órgão de imprensa é antes de tudo uma empresa que tem necessidade de recursos financeiros para viver que decorrem das vendas. À lógica da informação, que exige credibilidade na tratativa das notícias, se sobrepõe uma lógica de mercado, que exige resultados quantitativos (Charaudeau, 2011, p. 284).

Outro imaginário que permeia a sociedade ocidental e explorado nos títulos que compõem este *corpus* é o da supremacia branca, que culminou em teorias eugenistas, na qual defende-se padrões genéticos superiores e inferiores de acordo com a tonalidade da pele. Como exemplo disso, houve no Brasil uma política para o branqueamento da população. Munanga (2019) explica que o processo de branqueamento foi promovido por políticas governamentais brasileiras e pela elite intelectual entre o final do século XIX e o início do século XX. Existia uma crença amplamente difundida de que a miscigenação e o incentivo à imigração europeia poderiam “melhorar” a população brasileira, tornando-a mais branca e, supostamente, mais civilizada e desenvolvida.

Outro aspecto importante, também discutido por Charaudeau (2011), é a “dessacralização do saber”, segundo o autor, ao eliminar as referências do conhecimento em uma sociedade, o próprio conhecimento é esvaziado e dessacralizado, ainda de acordo com o autor “na era digital, perde-se a capacidade de distinguir, selecionar e hierarquizar as informações e o saber, o pré-requisito para o sistema de pensamento” (Charaudeau, 2011, p. 314).

Logo, a produção jornalística que utiliza estratégias discursivas que priorizam as iscas de cliques em detrimento dos fatos e da credibilidade das notícias segue uma lógica de mercado na qual os resultados quantitativos têm mais importância do que a qualidade informativa. Uma priorização que resulta na “dessacralização do saber”.

OS TÍTULOS E AS LINHAS-FINAS

O título do artigo científico é *A new ape from Türkiye and the radiation of late Miocene hominines* (Um novo macaco/primata na Turquia e a radiação dos hominídeos do final do Mioceno), a partir dele observa-se as distorções nas publicações dos títulos das notícias.

Antes de apresentar os títulos publicados e iniciar a análise, é necessário esclarecer dois conceitos, primeiro o de taxonomia, de acordo com Garbino e Lima (2020, p.1) “é uma ciência teórico-prática que lida, basicamente, com a organização do conhecimento biológico sobre os seres vivos”. A segunda compreensão fundamental neste trabalho é a de hominídeo:

[...] humanos e grandes símios são agora (modernamente) coletivamente chamados de hominídeos, um termo anteriormente utilizado apenas para humanos e fósseis da linhagem humana. Na classificação cladística, os humanos e os nossos parentes extintos mais próximos pertencem à “tribo” hominini. “Tribo” é o nível taxonômico entre subfamília e gênero (Bulla, 2016, p. 72).

Sendo assim, gorilas, chimpanzés, bonobos, orangotangos e humanos são todos considerados hominídeos. “Nossa origem é primata. Somos da família dos macacos, monos, lêmures e outros animais com os quais compartilhamos um conjunto extraordinariamente interessante de características” (Foley, 1993, 2003 apud Souza, 2019, p. 70). Ou seja, a classificação ‘hominídeos’ é relativamente ampla e, modernamente, não se refere apenas a seres humanos, por isso, noticiar que um fóssil de Homo sapiens fora identificado quando a afirmação científica é de que fora identificado um fóssil hominídeo não traz uma informação correta.

A seguir, está organizada a seleção dos títulos, das linhas-finas e dos nomes dos suportes em que foram publicadas três notícias no Brasil.

Quadro 1 — Seleção dos títulos nacionais

Título da notícia	Linha fina	Suporte
Fóssil de primata sugere que humanos estiveram na Europa antes da África	Análise de crânio descoberto em um sítio arqueológico com 8,7 milhões de anos na Turquia desafia a história das origens humanas tal como ela é conhecida; entenda	Galileu ¹
Fóssil de 8,7 milhões de anos pode mudar o que se sabe sobre origem dos humanos	Hoje, acredita-se que os primeiros humanos surgiram na África; porém, novo estudo aponta outra hipótese	Aventuras na história ²
Novo fóssil desafia a teoria da evolução humana	Descoberta revolucionária na Turquia desafia crenças sobre a evolução humana, sugerindo origens europeias antes da migração para a África	Mistérios do mundo ³

Fonte: Elaboração da autora.

No título da primeira publicação, a distorção é bem clara, visto que o leitor é direcionado à compreensão de que a descoberta do fóssil indica que o homem teria sua origem na Europa, não na África. Além disso, na linha-fina, tem-se a indicação de que o conhecimento sobre a origem humana foi desafiado. Também é válido ressaltar que a Turquia é um país transcontinental, seu território é dividido entre Europa e Ásia, e trava uma disputa, há décadas, por uma colocação na União Europeia,

1 Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/ciencia/arqueologia/noticia/2023/08/fossil-de-primata-sugere-que-humanos-estiveram-na-europa-antes-da-africa.ghtml>. Acesso em: 01 nov. 2023.

2 Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/fossil-de-87-milhoes-de-anos-pode-mudar-o-que-se-sabe-sobre-origem-dos-humanos.phtml>. Acesso em: 01 nov. 2023.

3 Disponível em: <https://mistériosdomundo.org/anadoluvius-turkae-o-fossil-que-desafia-a-teoria-da-origem-dos-hominideos/>. Acesso em: 01 nov. 2023.

mas a escolha foi destacá-la como um país europeu nesse título, para assim fazer a relação da origem humana com o continente europeu.

Outra vez, na publicação do site “Aventuras na história”, o título relaciona diretamente a descoberta do *Anadoluvius turkae* à origem dos humanos, mas, dessa vez, a maior distorção foi para a linha-fina, onde fica claramente sugerido que talvez os primeiros humanos não tenham se originado na África. Esta linha-fina corrobora com a descredibilização da ciência, pois faz o leitor confrontar, sem informações suficientes, a hipótese científica bastante consolidada sobre origem humana no planeta.

O terceiro título é direto sobre a contestação da origem humana no continente africano, o que leva a pensar que o estudo trata sobre a descoberta de um fóssil do *Homo sapiens*, mais uma vez, uma informação que não se confirma no artigo científico em questão. Também, assim como nos anteriores, nega-se a relação da gênese da espécie humana na África e sugere-se que tenha sido na Europa. Outro aspecto a ser considerado é que, na linha-fina, chama-se a descoberta de revolucionária e no mesmo enunciado aparecem os termos “humana” e “origens europeias antes da migração para a África”, o que, em uma leitura rápida, induz o leitor a associar os termos e conferir o sentido de que os humanos teriam surgido na Europa e depois migrado para a África.

Além disso, no artigo científico não há o mesmo tom de “descoberta revolucionária” ou referência a algo desafiador sobre a evolução humana, aliás, nele a palavra utilizada com frequência é “macacos”, como em seu próprio título (*A new ape from Türkiye and the radiation of late Miocene hominines*).

A seguir, apresenta-se a seleção de títulos em publicações internacionais, que não possuem linhas-finas.

Quadro 2 — Seleção de títulos em publicações internacionais

Título da notícia	Tradução	Suporte
Could Fossil Ape Found in Turkey Upset the Story of Human Evolution?	Poderia o fóssil de primata encontrado na Turquia perturbar a história da evolução humana?	Haaretz ¹
Million-Year-Old Fossil Suggests Ancestors of Humans and African Apes Evolved in Europe	Fóssil de 8,7 milhões de anos sugere que ancestrais de humanos e macacos africanos evoluíram na Europa	SCI News ²
Controversial Ape Fossil Discovery in Turkey Challenges Origin of African Apes and Humans in New Study	A controversa descoberta de fósseis de macacos na Turquia desafia a origem dos macacos e humanos africanos em novo estudo	Science Times ³

Fonte: Elaboração da autora.

1 Disponível em: <https://www.haaretz.com/archaeology/2023-08-30/ty-article/could-fossil-ape-found-in-turkey-upset-the-story-of-human-evolution/0000018a-46ca-d252-abdf-57ee65f30000>. Acesso em: 01 nov. 2023.

2 Disponível em: <https://www.sci.news/paleontology/anadoluvius-turkae-12210.html>. Acesso em: 01 nov. 2023.

3 Disponível em: <https://www.sciencetimes.com/articles/45723/20230831/controversial-ape-fossil-discovery-turkey-challenges-origin-african-apes-humans.htm>. Acesso em: 01 nov. 2023.

No primeiro título do quadro 2, com a escolha do vocábulo “humana”, para fazer a menção direta à origem da nossa espécie, conforme explicado anteriormente, representa uma redução do conceito de homínido, induzindo o leitor a uma interpretação incorreta da descoberta científica. Além disso, o emprego do verbo “perturbar” suscita uma incerteza sobre a teoria da evolução, contribuindo, assim como nas publicações brasileiras, para o discurso de desacreditização da ciência, algo preocupante para a sociedade, visto, por exemplo, o crescimento de movimentos antivacina e de negacionismo climático.

No SCI News, não há uma referência direta à ideia de que os humanos surgiram na Europa e não na África, fala-se de seus ancestrais, mas existe a indução à dúvida sobre a evolução e, por meio de uma simplificação errônea, abre-se espaço para a conclusão de que, mais uma vez, a origem da espécie humana se deu no continente europeu. Outro aspecto interessante é a preferência pela menção ao nome do continente e não ao nome do país onde o fóssil foi encontrado, a Turquia, outra vez a ênfase do continente europeu.

Mais uma vez o verbo “desafiar” aparece na composição do título, aqui incrementado com o adjetivo “controverso” para classificar a descoberta e, assim como nos casos anteriores, expor a contestação sobre a origem dos humanos na África. Nessa seleção de títulos, as pesquisas que confirmam a origem africana da humanidade, com os fósseis de homínidos encontrados no Vale do Rift¹ ganham rótulos de “controversas”. É por meio da consonância com o discurso eurocêntrico, que os sentidos desses títulos se tornam possíveis, apesar de não corresponderem à materialidade do artigo científico a que se referem.

A resistência em aceitar a África como o berço da humanidade não é apenas uma questão de disputa científica, mas também uma questão de identidade cultural e poder. O reconhecimento da África como o ponto de origem dos seres humanos implica um reexame das contribuições africanas à história mundial e uma valorização das civilizações africanas pré-chegada dos europeus no continente. Tal reconhecimento desafia a narrativa colonial da supremacia branca, que retrata a África como um continente “primitivo” e subdesenvolvido, necessitando de “civilização” ocidental.

Assim, os títulos analisados invocam uma memória coletiva, como colocada por Gregolim (2006), ligada ao discurso do eurocentrismo, na qual a Europa detém a posição de representante do progresso, da moral e da razão.

O eurocentrismo estrutura o conhecimento e o poder de maneira que perpetua a hegemonia europeia, como explica Quijano: “o eurocentrismo é uma perspectiva do conhecimento cujo conteúdo central tem sido a interpretação da história das sociedades colonizadas como uma marcha

¹ CORDEIRO, A. R. Gênese da vida humana. **Ciência e Cultura**. V. 6n. SPE 1, p. 50-62, 2008. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000500010. Acesso em: 16 maio 2024.

unidirecional em direção ao modelo de civilização desenvolvido pela Europa." (Quijano, 2000, p. 534).

CONCLUSÃO

Para uma parcela significativa da população mundial, a expansão do uso da internet trouxe consequências para as formas de aquisição de informação, saber e conhecimento, mas, ainda assim, persistem os saberes de crença em sobreposição aos saberes de conhecimento. Há nisso uma dinâmica que é capaz de se retroalimentar, uma vez que os próprios veículos que deveriam ser pautados no saber de conhecimento muitas vezes se fixam nos saberes de crença como estratégia discursiva para fisgar o leitor. Dessa forma, molda-se não apenas um mercado de consumo, mas o próprio pensamento humano de acordo com as informações que o sustentam.

Nesse contexto, ao afastar-se do trabalho investigativo e comprometido com a ciência, coloca-se o jornalismo em uma crise que aponta para seu enfraquecimento enquanto uma instância gestora de informação, chegando a atingir até mesmo o trabalho jornalístico sério, que se prejudica com uma descredibilização generalizada pelos leitores.

O *clickbait* descredibiliza o jornalismo, a partir dele não fica difícil provocar frustrações no leitor e fazê-lo deixar de consultar fontes classificadas como jornalísticas, além disso, esse recurso coloca em risco o desenvolvimento do pensamento crítico dos indivíduos que passam a perder referenciais de distinção entre informação e desinformação.

A prática de uma leitura treinada e aprendida em sala de aula pode contornar o avanço da desinformação pautada, principalmente, nos saberes de crença. Ensinar a ler passa necessariamente pela Análise do Discurso, para que o aluno seja levado a reconhecer as relações de poder que se revelam nas produções de sentido, assim como as configurações de verdade que se estabelecem nas sociedades. Pode-se também ensinar e aprender a identificar os elos interdiscursivos presentes na comunicação humana e que fazem de cada texto parte de uma relação de vozes que se comunicam, sem perder de vista o caráter histórico do discurso.

A verdadeira aceitação das descobertas científicas sobre a origem africana dos humanos requer não apenas uma mudança no entendimento científico, mas também uma transformação nas percepções culturais e nas estruturas de poder que se beneficiam da marginalização da África. Em suma, a contestação da origem africana dos humanos, exemplificada nos seis títulos apresentados neste estudo, demonstra as dinâmicas do poder colonizador manifestado no discurso.

REFERÊNCIAS

BULLA, Marcelo Erdmann. **O papel das interações polêmicas (controvérsias científicas) na construção do conhecimento biológico**: investigando um curso de Formação Continuada de professores sobre Evolução Humana. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Comunicação e Artes,

Cascavel, 2016. Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3329/5/Marcelo_Bulla2016.pdf. Acesso em: 15 maio 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. A televisão e o 11 de setembro: alguns efeitos do imaginário. **Logos**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 11–20, 2006. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/14962>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1993.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GARBINO, G. S.T.; LIMA, A. Taxonomia, classificação e nomenclatura. In: OSWALD Caroline Batistim; DIAS, Cayo Augusto Rocha; GARBINO, Guilherme Siniciato Terro; OLIVEIRA, Jean Carlo Pedroso de (Orgs.). **Princípios de sistemática zoológica: material de apoio para o I CVSZ**. Belo Horizonte, MG: PGZoo UFMG, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/51671>. Acesso em: 16 maio 2024.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. 2. ed. São Paulo: Editora Claraluz, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

PAVLIK, John V. **Journalism and New Media**. New York: Columbia, 2001.

ROCA, Meritxell. Rethinking entertainment. Entrevista a Marty Kaplan. **Tripodos**. Barcelona, n. 23, pp. 135-143, 2008. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/Tripodos/article/view/118924>. Acesso em: 10 mar. 2024.